

Francyonison Custodio do Nascimento

Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), professor da Escola Estadual de Tempo Integral Dom Nivaldo Monte
jonisoncustodio@hotmail.com

***Homo eroticus*: as contribuições de Michel Maffesoli para pensar as geografias emocionais**

Resumo

As Geografias emocionais advogam que as reflexões sobre a relação entre as emoções e o espaço são essenciais na compreensão do mundo atual e que se efetivaram na chamada virada espacial. De inspiração interdisciplinar, essa abordagem evidencia a importância das metodologias e teorias voltadas para as relações afetivas e as paixões associadas às experiências espaciais. O caráter interdisciplinar dessa abordagem, a exemplo do que acontece com toda a ciência geográfica, demanda por diálogos com autores e teorias de outros campos do conhecimento, seja para fundamentar suas posturas teórico-metodológicas ou para incrementar novas formas de pensar a respeito do seu escopo de pesquisa. A partir desses pressupostos, este artigo objetiva promover um diálogo entre as Geografias emocionais e a obra do sociólogo francês Michel Maffesoli. Para tanto, além de uma revisão bibliográfica, estabelece um esforço teórico de relacionar a noção de *Homo eroticus* à abordagem das Geografias emocionais. Conclui-se que a obra de Maffesoli propõe conceitos e posturas pertinentes à abordagem emocional da Geografia, tais como a perspectiva holística, o retorno ao aspecto sensível, a razão corporificada e a ecosofia.

Palavras-chave: Geografias emocionais, Michel Maffesoli, *Homo eroticus*.

Abstract

HOMO EROTICUS: MICHEL MAFFESOLI'S CONTRIBUTIONS TO THINKING ABOUT EMOTIONAL GEOGRAPHIES

Emotional geographies argue that reflections on the relationship between emotions and space are essential to understanding the current world and that they have become effective in the so-called spatial turn. Inspired by an interdisciplinary

approach, this method highlights the importance of methodologies and theories focused on affective relationships and the passions associated with spatial experiences. The interdisciplinary nature of this approach, as is the case with all geographical science, demands dialogues with authors and theories from other fields of knowledge, either to support their theoretical-methodological positions or to develop new ways of thinking about their research scope. Based on these assumptions, this article aims to promote a dialogue between emotional geographies and the work of French sociologist Michel Maffesoli. To this end, in addition to a bibliographical review, it establishes a theoretical effort to relate the notion of homo eroticus to the approach of emotional geographies. It is concluded that Maffesoli's work proposes concepts and positions pertinent to the emotional approach of Geography, such as the holistic perspective, the return to the sensitive aspect, embodied reason and ecosophy.

Key-words: Emotional geographies, Michel Maffesoli, *Homo eroticus*.

1. Introdução

As Geografias emocionais compreendem as emoções, os sentimentos e as sensações como fontes de conhecimento. Elas buscam, então, estabelecer uma reflexão a respeito da relação entre as emoções e a espacialidade humana a partir de uma abordagem interdisciplinar (SILVA, 2018). Assim, a subjetividade, os sentimentos humanos, as utopias dos homens, as diversas linguagens artísticas, entre outros elementos do universo humano, ganham terreno na ciência geográfica, pois o espaço não é neutro, isotrópico e uniforme (ANDREOTTI, 2013; BESSE, 2014). Com efeito, o espaço geográfico não é um mundo desprovido de paixões, ordenado unicamente por princípios racionais e demarcado exclusivamente por lógicas socioeconômicas e/ou técnicas (BONDI; DAVIDSON; SMITH, 2007).

As Geografias emocionais, pois, surgem num contexto de “virada emocional”, com a negação de uma visão meramente racionalista que nega e/ou avilta as afetividades na composição e na experiência do espaço bem como amparada num resgate de tradições geográficas e de disciplinas afins que, implicitamente, ou até mesmo explicitamente, reconheceram a presença das emoções nas interpretações do mundo (BONDI; DAVIDSON; SMITH, 2007). Nesse contexto, uma agenda de pesquisa foi delineada, criando e reinventando perspectivas epistemológicas, redes de contatos e aspectos metodológicos (PAIVA; SILVA, 2024).

É importante frisar, ainda, que as Geografias emocionais, apesar da nomenclatura, não reduzem sua atuação e campo de pesquisa unicamente à Geografia, mas funcionam sempre no diálogo, no espraiar de fronteiras, no contato com outras ciências e com outras estruturas de compreensão da realidade. Isto porque as emoções, mediadoras de experiências espaciais, sempre escapam dos limites disciplinares (BONDI; DAVIDSON; SMITH, 2007).

Nesta postura interdisciplinar, de maneira complexa e dinâmica, vários estudos convergem no campo das Geografias emocionais, trabalhando com temas como espaços afetivos e globalização, representações afetivas na arte, enraizamento versus desenraizamento, arquiteturas emocionais e paisagens de emoção, corporeidade, semiótica e poética do afeto, espaço público e emoção, e política e emoção (NOGUÉ, 2011; PAIVA; SILVA, 2024). A multiplicidade dessas pesquisas se faz notar também na variedade de contatos com outras disciplinas, tais como a Psicologia, a Antropologia, a Biologia, a Neurociência, a Filosofia, a História, a Sociologia, entre outras (PILE, 2010). Afinal, pontuam Bondi, Davidson e Smith (2007), a emoção tem o poder de transformar vidas, expandindo ou contraindo horizontes, criando novas fissuras ou fixações que interferem nas práticas espaciais e nas maneiras de ver e atuar no espaço.

Esse caráter interdisciplinar das Geografias das emoções convoca ao movimento de promover contatos com autores de outras disciplinas que também se dediquem a pensar a respeito das emoções e suas implicações no mundo contemporâneo. Entre tais autores, notabiliza-se Michel Maffesoli. Este último é um sociólogo francês que, sendo o “herdeiro intelectual” de Gilbert Durand, produz uma cartografia da noção de imaginário, reflete sobre as questões do cotidiano e se destaca nos últimos tempos por seus estudos a respeito da pós-modernidade, do tribalismo e da dimensão emocional da vida social. Entre seus principais trabalhos, pode-se elencar *O Tempo das Tribos*, *A Contemplação do Mundo*, *Violência Autoritária*, *Elogio à Razão Sensível*, *No Fundo das Aparências* e *Homo Eroticus*. Neste último, o autor faz uma reflexão sobre a importância das emoções como força vital e social, destacando sua presença em diversas práticas culturais contemporâneas e sua relevância para a compreensão da vida coletiva na atualidade.

Este artigo, então, objetiva promover uma discussão a respeito da obra de Michel Maffesoli, sobretudo *Homo Eroticus*, indicando seus principais

interlocutores e suas preocupações a respeito do tempo contemporâneo bem como apontando como o pensamento do referido sociólogo pode contribuir para o desenvolvimento das Geografias emocionais. Para tanto, o artigo é composto por uma revisão bibliográfica e por um construto teórico que envolve a obra citada – e outras a ela relacionadas – ao campo das Geografias emocionais. Assim, este artigo é dividido em mais duas seções. Na primeira se discute a respeito das Geografias emocionais ao passo que a segunda é uma construção teórica que propõe como o pensamento de Michel Maffesoli pode colaborar com o trabalho dos geógrafos emocionais.

2. Geografias emocionais

As Geografia emocionais constituem uma área recente da Geografia Humana, que busca compreender a relação emocional que os seres humanos tecem com os lugares, enfatizando os processos de diferenciação espacial que as emoções produzem (SILVA; GIL FILHO, 2020). Elas são reflexo de uma valorização das emoções nos trabalhos geográficos. Tal valorização advém de uma virada emocional (*emotional turn* no original), a qual recupera abordagens geográficas que, implícita ou explicitamente, reconhecem a presença de emoções em nossas interpretações e entendimentos do mundo e, ao mesmo tempo, rechaça uma extrema racionalidade na ciência geográfica (BONDI; DAVIDSON; SMITH, 2007). Tal perspectiva é instigante, pois permite uma abordagem que não está unicamente centrada no sujeito. De fato, ela abre possibilidade de pensar na relação do indivíduo com o espaço, investigando os aspectos da relação que os seres humanos mantêm com o mundo terrestre (BESSE, 2014). De fato, pensar as emoções na Geografia permite compreender a ciência geográfica numa perspectiva relacional (SILVA, 2018).

É justamente por isso que a abordagem sobre as emoções despertou interesse da ciência geográfica de modo geral e, em especial, na Geografia Humanista e Cultural. Esta última, impulsionada a considerar a relação Humano-Terra e as dimensões subjetivas da vida humana, acabou por proporcionar estudos sobre como as pessoas sentiam e experimentavam os espaços, focando nas emoções humanas (SILVA, 2018).

Este enfoque, a propósito, proporciona o surgimento e o revigoreamento de uma ciência geográfica que não exclui o prazer e as sensações, mas os inclui enquanto estruturas de sentido e de conhecimento. Ao contrário de uma Geografia de natureza logocêntrica, os sentidos e os sentimentos são completamente aceitos na produção do conhecimento. Aliás, não só aceitos, mas valorizados (MARANDOLA JR, 2014). As emoções, com efeito, demonstram que existem inúmeros fluxos constantes de significações espaciais, que, por sua vez, interferem nas maneiras de sentir a substância das experiências de passado, presente e futuro bem como de transformar a forma de enxergar a vida, expandindo ou contraindo os horizontes humanos (SILVA, 2016). Desse modo, valoriza-se um conhecimento experiencial hedonista (MARANDOLA JR, 2014).

Esse conhecimento dialoga vividamente com a ciência geográfica que se recusa a ser meramente racionalista e/ou cerebrina, mas passa a atentar para um mundo sentido, intuído, experienciado e saboreado. É a ideia de que a Geografia deve ser centrada na experiência humana do espaço, convidada a pensar a experiência geográfica (CLAVAL, 2014). Efetivamente, as pessoas e suas relações tornam-se centrais na interpretação geográfica e, por consequência, pensar o espaço geográfico extrapola sua dimensão material, concreta, palpável, incorporando as espacialidades intersubjetivas e as relações topofílicas e/ou topofóbicas com os lugares (SILVA, 2016).

Essa perspectiva, na segunda metade do século XX, revigorou o entendimento de que o mundo apreendido pelo homem não é objetivamente dado, mas é aberto à experiência, aos sentimentos humanos e aos significados que os seres humanos dão ao espaço (CLAVAL, 2014). A subjetividade e a experiência sensível do indivíduo também passaram a ser válidas nessa nova perspectiva no seio da Geografia, que tem ganhado renovado protagonismo na atualidade (NOGUÉ, 2011; PAIVA; SILVA, 2024).

Assim, mesmo com uma certa negação da emoção no regime epistemológico da Geografia clássica e a estratégia objetivista, pretensamente neutra e universalista, da chamada Geografia positivista, há o reconhecimento de que as emoções participam da construção dos conhecimentos geográficos e, particularmente, dos conhecimentos geográficos “situados”, isto é, daqueles que emergem da compreensão de experiências vivenciadas (VOLVEY, 2016). A bem da verdade, as Geografias emocionais não

negligenciam as bases clássicas da ciência geográfica, mas, ao seu modo, buscam (re)articular essas pesquisas clássicas, imprimindo seu ponto de vista ao estudar as emoções do ponto de vista qualitativo, a partir das práticas socioespaciais e como operadoras dos arranjos espaciais e de experiências relacionais de dimensão espacial (SILVA, 2016; VOLVEY, 2016).

O fato é que o movimento de incorporar as emoções nas discussões geográficas tem se mostrado fundamental, posto que grande parte da importância simbólica dos lugares decorre de suas associações emocionais que inspiram sentimentos diversos: admiração, pavor, preocupação, perda ou amor (TUAN, 2005, 2013). Uma Geografia emocional, então, tenta entender a emoção – experiencial e conceitualmente – em termos de sua mediação e articulação socioespacial (BONDI; DAVIDSON; SMITH, 2007). Desse modo, notabiliza-se, nos últimos anos, o desenvolvimento de metodologias e teorias voltadas para as relações afetivas e as paixões associadas às experiências geográficas, delineando a complexidade caleidoscópica das variadas emoções inerentes às relações com os espaços, sobretudo com contribuição de reflexões em língua inglesa, espanhola, francesa, portuguesa e italiana (PILE, 2010; SILVA; GIL FILHO, 2020; PAIVA; SILVA, 2024).

Nesse contexto, os conceitos de paisagem, espaço e lugar (e de “lar”, por tabela) ganham proeminência. A partir disso, pensar processos e mecanismos que envolvem relações e representações das emoções em diferentes contextos socioespaciais, sobretudo as lugarizações, passou a ter bastante relevo. Nesse sentido, o escopo da Geografia Humanista e Cultural dialogou e ainda dialoga vividamente com a abordagem emocional da Geografia (SILVA, 2018).

Contudo, leituras tidas como mais “críticas” também podem se enveredar pelas Geografias emocionais e explorar as relacionalidades da emoção e as formas que elas oferecem para avançar na compreensão de espacialidades dinâmicas de exclusão e opressão. Na realidade, uma miríade de recursos teóricos pode estabelecer conexões com as Geografias emocionais, desde os esforços fenomenológicos para transcender distinções entre objetivo e subjetivo, passando pelos engajamentos feministas e de outras minorias, até as abordagens performativas e não representacionais (BONDI; DAVIDSON; SMITH, 2007). Tudo isso, continuam a explicar os autores, pensando as emoções não como estados mentais

totalmente internalizados, mas a partir de suas capacidades de mediação e de articulação socioespacial.

Nesse sentido, perspectivas críticas, caracterizadas por uma miscelânea de abordagens marxistas “não ortodoxas”, pós-estruturais, pós-coloniais e feministas, ganham espaço nas abordagens das Geografias emocionais e com postura metodológicas, tais como a autofotografia, a geoetnografia, as hermenêuticas cartográficas, as entrevistas em profundidade, entre outras – a fim de abordar o espaço a partir do agir emocional e por intermédio da tríade sujeito, emoção e vivência (SILVA; GIL FILHO, 2020).

Com efeito, aponta Silva (2018), a discussão a respeito das Geografias emocionais é inseparável das questões socioculturais e das tendências políticas no seio da ciência geográfica. Aliás, conforme Paiva e Silva (2024), as inquietações sociais dos geógrafos não só encontram abrigo nas abordagens emocionais da Geografia como também moldaram o seu escopo teórico-metodológico. Como consequência disso, explicam os autores, os geógrafos emocionais expandiram as preocupações das geografias de teor crítico e exploraram as experiências relativas à justiça espacial e às emoções com um papel central na produção e nas consequências das “injustiças espaciais”. Afinal, pensar as emoções, aponta Pile (2010), envolve também refletir sobre questões culturais, estéticas, políticas, sociais, ambientais, econômicas e de gênero.

É justamente por isso que Volvey (2016) reconhece que as Geografias emocionais dão continuidade à geografia de horizonte fenomenológico da década de 1960, mas com a adição de uma dimensão crítica e identitária específica de abordagens geográficas mais atuais, apontado para caminhos de caráter intersubjetivo e com um programa político e epistêmico para a disciplina, como também apontam Paiva e Silva (2024).

Assim, longe de permanecer linear e monotemática, a abordagem emocional da Geografia propicia novos circuitos de pesquisa e novas compreensões da relação humana com o espaço geográfico, permitindo que as Geografias das emoções, a partir de realidades contemporâneas, se desenvolvam a partir de diálogos com outras ciências e com novos aportes da ciência geográfica.

Feitos esses apontamentos, passa-se agora para as contribuições de Michel Maffesoli no entendimento da sociedade atual e sua relação com

as emoções, assinalando como tais contribuições também podem auxiliar nas reflexões das Geografias emocionais a respeito do mundo hodierno.

3. Sob a égide de Eros: contribuições de Michel Maffesoli para as Geografias emocionais

Desde a década de 1980, o horizonte das emoções aparece como uma espécie de linha de fundo do trabalho de Michel Maffesoli. Com efeito, essa problemática parece se impor no surgimento da estética social atual, seja por meio do cotidiano ou da razão sensível. Ao propor o “emocional”, o autor sugere que as emoções são parte constitutiva da estrutura antropológica que imprime toda a mentalidade da sociedade hodierna. Há, então, um *erotismo*, um certo emocionalismo próprio do tempo atual (MAFFESOLI, 2021). Já que o contrato social se esgarçou (junto com o mito do progresso e da razão iluminista), afirma o autor, é preciso um pacto emocional (MAFFESOLI, 2018). É o que Maffesoli (2014) trata em sua obra *Homo eroticus* e também em outras obras, ainda que de forma mais sintetizada.

Com efeito, o autor francês sugere não ignorar a importância dos afetos, das emoções. Para ele, pôr em dúvida a ordem da racionalidade estrita e privilegiar o emocional é uma exigência para pensar o contemporâneo. Aludindo ao título da obra do filósofo alemão Max Scheler, Maffesoli (2014) relembra a pertinência do *ordo amoris*, uma ordem na qual há o retorno dos afetos e a revivescência dos amores nos campos diversos da sociedade. Para lembrar o poder das emoções, o sociólogo francês chega a categorizar os afetos como os reis clandestinos da época vigente no sentido de que, mesmo de forma inconsciente, eles regem as relações sociais na atualidade (MAFFESOLI, 2014).

Desse modo, segundo ele, qualquer pesquisador que intente compreender a realidade atual não pode estar desconectado do cotidiano e este, por sua vez, está eivado de vivências – incluindo as espaciais, pode-se pontuar – que não se submetem mais às formas modernas de vida. Aliás, a ideia de superação/oposição da modernidade é fulcral no pensamento de Michel Maffesoli e está presente também na sua discussão sobre as emoções.

Em sua perspectiva, com cada vez mais raras exceções, ainda é possível identificar na cultura atual uma forte resistência à inclusão das emoções nos estudos científicos. Tal resistência, na verdade, é apenas outra face do enaltecimento do aspecto cerebrino. Tal valorização do cognitivo, presente em toda a história do Ocidente e com auge na chamada Modernidade, evita que a ciência e que todos os campos da vida se abram àquilo que é suspeito ao cérebro. Assim, aponta o sociólogo francês, mesmo que pertinente e legítima em vários períodos, a racionalização da vida acabou por ser exagerada e excluiu os afetos do processo de compreensão do mundo. Essa ruptura entre o intelecto e o sensível acabou por subordinar as sensibilidade, cindindo o mundo e suas estruturas de compreensão (MAFFESOLI, 2010).

Aliás, pontua o autor em outra obra, a supervalorização do aspecto cerebrino fez mais do que subordinar as emoções (MAFFESOLI, 2014). Na realidade, explica o sociólogo francês, o racionalismo moderno acabou por vacilar: se abstraiu da realidade; submeteu a vida, desconectou-a do sensível. Desse modo,

O racionalismo moderno é daquele que, pouco a pouco, se abstraiu do real. É uma regra constante, observável de muitas maneiras na história das ideias: o que é um tempo revolucionário tende a institucionalizar-se. A ênfase colocada sobre a razão para o “Iluminismo Radical”, e pelos filósofos do século XVIII, era uma luta legítima contra as rigidificações teológicas. Mas, muito depressa, essa razão afirmativa, razão causa e efeito das substituições necessárias a operar, se inverte em um racionalismo dogmático com consequências as mais nocivas (MAFFESOLI, 2014, p. 21).

Assim sendo, Maffesoli (2014) entende que a primazia do racional, que a princípio era algo de teor revolucionário e positivo, caiu no exagero do racionalismo e proporcionou consequências negativas. Inclusive, noutra obra, citando Heidegger, o autor afirma que o “animal racional” é capaz apenas de conceber o mundo como resultado de fabricações e algo disposto a dominar, provocando a devastação da terra (MAFFESOLI, 2018) – também apontada, numa perspectiva geográfica, por Dardel (2015). Com efeito, para Maffesoli (2014), entre outras coisas, a crise ambiental atual é consequência de um prometeísmo racionalista radical¹.

O fato é que, para Maffesoli (2014), tudo aquilo que o progressismo moderno postulou veio a ruir. As maneiras de ser, pensar e organizar da Modernidade não eram mais o sustentáculo da sociedade. Dessa forma,

se abandonou os tempos que se fundavam na positividade das coisas e a ideologia que norteava a ciência e a resumia a uma realidade mensurável, quantificável apenas. Assim, para o sociólogo francês, além do racionalismo e do progressismo, ruíram também outras características da modernidade, como o individualismo e o utilitarismo.

Assim sendo, com o tempo e a com a ajuda da técnica, a sociedade atual se desvencilhou paulatinamente do racionalismo abstrato. Com isso, “[...] o racionalismo raciocinante não é mais o elemento essencial do elo social” (MAFFESOLI, 2014, p. 24). É justamente por isso que, segundo o autor, a figura de Prometeu está sendo substituída pela de Dionísio. Enquanto o primeiro representa o ideário modernista pautado no racionalismo iluminista (dominador das técnicas e do mundo), o segundo enfatiza vários aspectos, tais como a sensibilidade, a imaginação, o lúdico, o êxtase e as ligações ctônicas, com a terra – indicando o caráter multidimensional e não racionalista do tempo atual (MAFFESOLI, 2005, 2017).

Não obstante a isso, o autor reconhece que há, ainda, aqueles que vivem sob a égide de um racionalismo exacerbado – e estes não são poucos. Maffesoli (2014), aliás, propõe a imagem dos “episcopos do racionalismo”. Em sua proposta, *epískopos* significa, do grego, aquele que vê do alto, aquele que controla, supervisiona. Em seu entendimento, tais “episcopos” vigiam e perseguem toda forma de heterodoxia. E esta última consiste em saber pensar o patético do mundo, as efervescências emocionais, o hedonismo do universo humano. Optar, pois, pela razão ardente de Apollinaire, pela razão sensível (MAFFESOLI, 2010, 2014).

Essa pode ser uma das contribuições para as Geografias emocionais: encontrar reforço na luta acadêmica contra os episcopos do racionalismo que insistem numa visão de mundo apática (sem paixão, sem emoção) e num pensamento pautado no racionalismo raciocinante, negando o retorno do *pathos* (paixão, afeição) à produção científica e ao entendimento da realidade geográfica. O próprio Maffesoli, então, propõe que a produção do conhecimento não se limite apenas ao cerebrino, mas deve forçar-nos a pensar com os sentidos, com as emoções, com a razão sensível. Isso significa não apenas tomar as emoções como “objeto”, mas optar por um caminho científico que permita teorias e métodos contagiados pela razão sensível.

Essa “luta” faz cada vez mais sentido, posto que tudo aquilo que o progressismo moderno acreditava ter superado, aniquilado ou substituído ganhou forças. Assim, na realidade atual, tudo é “contaminado” pela paixão: os fanatismos religiosos, a propensão ao lúdico, as histerias esportivas e musicais, as extravagâncias políticas etc. Usando a metáfora de Maffesoli (2014), pode-se dizer que Eros darda suas flexas sem limites. Não se pode compreender o tempo presente e suas relações espaciais sem isso em mente.

Com efeito, as realidades do mundo que os geógrafos investigam são tomadas por afetos de toda ordem. Territorializações (junção do material e do simbólico), ligações com espaços específicos, paixões, festas, sonhos, jogos coletivos, política: tudo o que é eminentemente humano – e, por isso, é investigado pela Geografia (CLAVAL, 2014) – está eivado de emoções. Assim, várias abordagens da Geografia também têm seus “objetos de estudos” imersos no mundo do erotismo. É impossível, então, pensar na Geografia urbana, na Geografia do esporte, na Geografia política, na Geografia eleitoral, na Geografia da religião, nas interseções da ciência geográfica com as artes e/ou as Geografias não representacionais, no horizonte cultural da Geografia como um todo, sem os afetos e suas implicações.

Assim, como já mencionado, devido ao fato de que o extremo racionalismo claudicou, é necessário optar por uma razão sensível, na qual há uma misteriosa alquimia da via da razão atravessada pelas múltiplas emoções e vice-versa: unir pensamento e *pathos*. De fato, para longe de uma marginalização dos afetos, a atitude científica requer o ser por inteiro: razão e paixão em misto inextricável. Há, assim, uma opção pela multidimensionalidade, pela integralidade. Uma opção coerente já que a vida humana – e suas espacialidades – é eivada de afetos, sentimentos de pertença, de atrações e repulsas (MAFFESOLI, 2014).

Essa postura proposta por Maffesoli (2014) já encontra ecos na Geografia. É preciso, então, compreender o ser humano holisticamente, de forma integral: “Nunca se deve perder de vista a *profunda unidade* do homem, do homem inteiro [...]” (SORRE, 2009, p. 139). Rejeitar este aspecto unitário, integral do ser humano provocaria uma fragmentação da própria ciência geográfica, negligenciando-a totalmente. O ser humano, visto em sua condição integral, deve ser levado em consideração para uma Geografia potente

e condizente com a realidade hodierna. Efetivamente, não é coerente ceder a pensamentos segregantes que expropriam a possibilidade da integridade e acabam por alienar/esquecer a vocação geográfica de compreender a relação do ser humano com a Terra. Assim, compreendido integralmente, o ser humano é aquele que vive sob a égide de Eros, sendo o *Homo eroticus* aquele que é atravessado pelas emoções em todas as áreas da sua vida.

Essa inteireza do ser acaba por ter um corolário interessante para Maffesoli (2014) e que é útil para a Geografia de um modo geral: a noção de *matrimonium*. Esta última está amparada na compreensão de que é preciso pensar em novas alianças, em novas formas de união entre o ser humano e a natureza/a natureza e a cultura. Aliás, tal discussão é fundamental no período atual, posto que, nas últimas décadas, é consensual a necessidade da negação de interpretações binárias e dualistas, que dicotomizam a sociedade e natureza no seio da ciência geográfica (SOUZA, 2019).

É uma perspectiva holística, portanto. Ela se inscreve, como todo o pensamento de Michel Maffesoli, numa negação da lógica cartesiana que tudo divide, tudo especializa. Também se opõe ao antropocentrismo, pois, para Maffesoli (2014), é preciso tirar o homem do centro do processo – sobretudo o “homem iluminista”: racionalista ao extremo. Do mesmo modo, ele propõe um caminho para além do subjetivismo da tradição ocidental amparada no indivíduo racional moderno. Afinal, o sujeito que domina o objeto por meio de um pensamento calculante, de um racionalismo raciocinante, que repousa na lógica de dominação já comentada anteriormente, cria um sistema totalizante e totalitário – que, na longa história da devastação do mundo, desemboca num racionalismo mórbido (MAFFESOLI, 2017).

Além disso, para compreender a complexidade do mundo na interseção com o *Homo eroticus*, Maffesoli (2014) propõe a noção ecosofia. Para o autor, a sensibilidade ecológica que surge nos últimos anos é um exemplo palpável disso. Na perspectiva de Maffesoli (2014), a ecosofia diz respeito à interação e à reconexão com o outro, seja este o outro da natureza (cosmos), da tribo (microcosmo) ou do sagrado (macrocosmo). É uma forma de assumir a alteridade. A ecosofia, então, exige um pensamento que negue a noção de natureza como algo separado da cultura e exterior à condição humana. Longe, portanto, de uma concepção de natureza “estável”, sempre disponível para a reificação, um domínio por

parte dos seres humanos – concepção secular que tem origem bíblica, mas tem legitimação filosófica com Descartes e os filósofos iluministas. Com efeito, a noção de vida biológica de caráter não-humano como um objeto inerte ou totalmente passivo, como defende o ideário antropocêntrico, está conectada aos problemas ambientais atuais (STENGERS, 2015; NASCIMENTO, 2022). No entendimento de Maffesoli (2017, p. 10), então,

a natureza, desde então, não é mais um objeto inerte a representar e depois a explorar, mas sim uma surrealidade viva e orgânica. Estamos aqui no cerne da solidariedade orgânica própria da sensibilidade ecológica. Em suma, não um saber dominante, mecanicamente aplicado a uma realidade reduzida à sua porção racional, mas um conhecimento vindo de baixo, indutivo, organicamente ligado àquilo que descreve. O pensamento mecânico raciocina, o orgânico ressoa.

Desse modo, indo de encontro ao ideário modernista, a ecosofia é uma proposta de caráter relacional, propiciando um novo olhar para os fenômenos que integram sociedade e ambiente. Está na ecosofia os sinais de um pensamento associativo, no sentido das emoções compartilhadas. Trata-se de perspectivar o mundo partindo de relações inseparáveis e não a partir de distinções rígidas. Assim, a sensibilidade ecológica, se opondo ao ideário antropocentrismo, coloca em evidência aquilo que ultrapassa o ser humano. É por isso que a concepção sugere um olhar para nossos elos cósmicos e ctônicos, isto é, uma reconexão com o aspecto sensível do mundo (MAFFESOLI, 2017). E, neste ponto, a partir do de que foi discutido na seção anterior, tanto as Geografias emocionais podem beber dessa noção para o desenvolvimento de uma visão ecosófica como essa noção pode ser enriquecida pelos postulados da abordagem emocional da Geografia.

E, ao discutir os elos com a Terra, mais uma vez, o autor francês relembra a já mencionada substituição de Prometeu por Dionísio. Este último, longe de estar preso no céu das ideias, seria um deus ctônico, um deus desta terra – isto é, um deus autóctone. Ele seria, então, o arquétipo da sensibilidade ecológica, posto que tem terra nos pés e desfruta dos frutos oferecidos por este mundo, do aqui e do agora. Seria, de fato, um deus enraizado, uma divindade arbustiva (MAFFESOLI, 2017). Desse modo, seria o emblema de um hedonismo mundano, posto que representa uma sociedade que pensa o sensível da terra, os aspectos corporais e suas

ligações com o mundo. Dionísio, com efeito, é o símbolo da estrutural comunhão com a natureza.

Nesse sentido, explica o autor, a natureza volta a ser uma parceira com a qual se pode dialogar afetivamente, parceira que convém respeitar – ideia presente, aliás, nas geografias míticas de Dardel (2015), nas quais é impossível separar o mundo exterior dos fatos propriamente humanos, ou seja, uma relação intrínseca do ser com a Terra. Daí Maffesoli (2014, 2017) concordar com a ideia de retorno à natureza. Assim, em contraposição ao progressismo, o sociólogo francês propõe o envolvimentismo, um pensamento orgânico: o respeito à natureza, a contemplação e a harmonização com suas forças (MAFFESOLI, 2010). Tudo isso amparado por uma racionalidade aberta, ampla, flexível, inventiva e sensível.

Inclusive, tal movimento já é assumido na Geografia, com a postulação do fim da natureza instrumentalizada, externa e desencantada, vista sob um prisma meramente utilitário. E, como corolário de tal postulação, surge o entendimento de que o humano e a terra se pertencem mutuamente – humano vem de húmus, terra, relembra Dardel (2015). Em tal entendimento, o ser humano é uma vida *in natura*: uma vida unida aos elementos naturais e longe da concepção fragmentária, dicotômica e senhorial. Dessa maneira, a natureza é pensada e sobretudo sentida não como *physis* e sua consequente compreensão da simples ocupação de espaço, mas como formas de morar, como um fluxo incessante de viver, de habitar, levando em consideração suas tensões e alegrias presentes na relação com a Terra (NOGUERA; ARIAS, 2014; CHACON, 2015).

Ademais, para Maffesoli (2014), é preciso uma solidariedade orgânica para (re)ativar a sensibilidade ecológica. Contudo, não se trata de um retorno ao pré-moderno, mas uma outra sensibilidade. Ainda que se preserve a ligação do humano com a vida da Terra, a postura de respeito à natureza e a aposta na dignidade de toda coisa viva são de outra ordem. É um reencantamento do mundo, afirma Maffesoli (2014), lembrando Max Weber. Trata-se de uma *sintonia* com o mundo e com outros, um co-pertencimento. Assim, para lembrar o contato com a Geografia, a Terra passa a ser a casa dos afetos, mediada pelo corpo, pela sensibilidade e pela experiência (CHACON, 2015)

Aliás, ao sugerir designar a ecosofia como uma linguagem elementar que ligue o corpo humano à vida da Terra, de algum modo, Maffesoli (2014, 2017) permite a associação com a consciência terrestre, com a geograficidade de Dardel (2015). Essa postura, quase romântica, de “redimir” a sensibilidade, já foi postulada no seio da Geografia (DARDEL, 2015), mas precisava ser retomada, reinventada à luz dos conhecimentos e acontecimentos do tempo presente e várias interpretações das Geografias emocionais sugerem isso, como apontaram Paiva e Silva (2024). Não à toa, Tuan (2015) propõe uma “Geografia romântica” – uma via reflexiva que pense, sinta e imagine. Do mesmo modo, a via dardeliana, explica Besse (2015), opta por uma via romântica, na qual há a primazia da sensibilidade, isto é, um favorecimento de uma reconciliação, um reatar do ser humano com o mundo. Tudo isso, então, leva a pensar como as Geografias emocionais podem colaborar também para as discussões a respeito da crise ecológica que o mundo atravessa na atualidade, oferecendo conceitos e estabelecendo o primado do sensível e do afetivo nas reflexões e nos embates contra a devastação do planeta.

Desse modo, a postura negligenciada pela Modernidade, a qual apostou na *via recta* da razão, pode enriquecer as Geografias emocionais ao considerar os sentidos na construção do saber. Trata-se, portanto, de um saber incorporado (MAFFESOLI, 2014). E ao pensar no corpo é interessante beber da concepção de Besse (2011) que, por sua vez, foi influenciada pela perspectiva de Husserl. Nela, um corpo não é perspectivado como neutro, meramente “físico” – numa visão de corpo das ciências físico-naturais modernas que se referem a propriedades como grandeza e/ou gravidade. Trata-se, na realidade, de um corpo sensível, vivido, vivo, aberto a experiências diversas. Esse entendimento é vital, posto que é por intermédio do corpo que o ser humano realiza suas experiências, que está no mundo. Seguir por esta senda, pontua Maffesoli (2010, 2014), auxilia no estabelecimento de uma perspectiva mais holística, integrativa e aberta do saber.

Além disso, Maffesoli (2014) chama atenção para a intensificação de valores relacionados ao terreno, ao lugar mais propriamente. Em sua leitura, o lugar é aquilo que faz ligação, que conecta. Como não associar ao conceito de lugar e às suas noções-satélite (lar, lugaridade, topofilia etc.) que, como apontado na seção anterior, são tão evocadas nas Geografias

emocionais? Com efeito, pensar as comunhões emocionais e todos os afetos em relação ao espaço, como o sociólogo esboçou, é próprio da Geografia. Reconhecer e investigar o poder de ligação com os lugares, como também fez Relph (2014) outrora, em tempos de pactos emocionais, já é uma atribuição das Geografias emocionais.

Por fim, outra contribuição forte da obra de Maffesoli (2014) é a proposição de não se fundamentar em conceitos habituais. Não se trata de neologismo apenas ou de um lirismo pueril. Trata-se, na realidade, de saber nomear a realidade. Afinal, como pontua Sorre (2009), acrescentar evoluções a uma teoria ou forma de pensar da Geografia diante das mudanças é manter-se fiel a ela.

De fato, nos períodos de mudança é urgente encontrar palavras, que, paulatinamente, (re)transformam-se em palavras fundadoras, isto é, garantem uma interpretação sincera do que está emergindo. Afinal, se o mundo está em transformação, palavras enclausuradas em sentidos antigos perdem o poder de explicação e exigem novos conceitos. Daí a necessidade de criar, inventar, mobilizar noções que sejam capazes de descrever o papel dos afetos, levar a sério a ambiência emocional. Para Maffesoli (2014), então, é preciso ter coragem e correr riscos: encontrar metáforas, transportar imagens, fazer uso de palavras antigas e novas que sejam pertinentes ao tempo das comunhões emocionais. A bem da verdade, as Geografias emocionais já respondem a este chamado do sociólogo francês, seja utilizando as adaptações de geograficidade e topofilia ou postulando novos termos como atmosferas afetivas e espaços vivenciados (ANDERSON, 2009; TUAN, 2012; DARDEL, 2015; SILVA; GIL FILHO, 2020). Esse processo é vital, posto que o mundo está em devir e nunca pode ser perspectivado como uma substância já dada. Ademais, propõe novas formas de pensar e sugere também novos conceitos para a compreensão da realidade.

4. Considerações finais

Todos os aspectos da vida humana estão transpassados pelas emoções. Do mesmo modo, as diversas abordagens da Geografia têm seus fenômenos eivados pelo emotismo contemporâneo e podem dialogar com

as Geografias emocionais e suas posições críticas. Este artigo é mais um convite a viver sob a égide de eros e viver assim é não se submeter às lógicas dos episcopos do racionalismo. Maffesoli não nega a razão, mas opta por um *logos* que valida uma razão afetiva, a razão sensível. Relacionadas a este aspecto estão as contribuições que chamam atenção para a reconexão com o sensível e para a urgência de um saber corporificado. Estas contribuições estão relacionadas ao pensamento de que o saber geográfico precisa ser mediado pelo corpo, pela sensibilidade e pela experiência. É um modo de pensar as Geografias emocionais como uma geografia romântica, para retomar a expressão tuaniana. Tais instâncias – corpo, sensibilidade e experiência – aproximam as Geografias emocionais do tempo presente e da realidade concreta.

Para pensar essa nova realidade, o convite de Maffesoli não poderia ser outro: encontrar palavras e termos que deem conta dela. Por isso, chama-se atenção para a necessidade de proposição de novos conceitos e novos termos para a investigação. A Geografia das emoções pode e deve assumir essa contribuição já que ela auxilia numa das proposições da abordagem emocional: permitir uma compreensão mais profunda e detalhada da realidade, ajudando a organizar o conhecimento.

A noção de *matrimonium* é outro ponto pertinente na obra de Maffesoli que pode ser abraçado pelos geógrafos emocionais. Com efeito, estudar as emoções e seu caráter intersubjetivo demanda um teor unitivo, que negue toda segregação do ser humano. Advoga, portanto, pela não fragmentação do ser humano, mas também da compreensão da realidade. Vislumbrar e estudar o mundo com um olhar demasiadamente segmentado propicia uma visão parcial da realidade. Na Geografia, desenvolver uma perspectiva holística, independentemente da abordagem, se faz necessário e isso se mostra mais urgente nas Geografias emocionais, diante da natureza dos fenômenos que aborda.

Do mesmo modo, o conceito de ecosofia pode ser de grande valia para as Geografias emocionais. Ela aponta para uma postura de respeito à natureza e de aposta na dignidade de toda coisa viva. Assim, é um *ethos* ecosófico de valorização e respeito à integração dos seres humanos, da natureza e da diversidade das formas e dos modos de vida. É, em última instância, uma atitude *emocional*, pautada na alteridade, na relação de elos

e emoções. Com efeito, como se viu, a ecosofia diz respeito à interação e à reconexão com o outro, à relação homem-mundo – sempre intermediada por emoções diversas.

Por fim, vale a pena frisar que as sensibilidades emergentes e as comunhões emocionais já dão a tônica na atualidade. Incluí-las no fazer geográfico exigirá o apoio de autores refinados e contribuições de teorias sofisticadas. Desse modo, incluir os postulados de Maffesoli nas discussões a respeito das Geografias emocionais se mostra um caminho pertinente para essa abordagem da Geografia. Este artigo aponta alguns caminhos. Eles podem ser ressignificados e outros podem surgir. O fato é que a contribuição de Michel Maffesoli precisa ser acolhida pela comunidade dos geógrafos.

Nota

- 1 Referência ao mito de Prometeu que, roubando o fogo divino do Olimpo, oferece aos seres humanos a técnica, a possibilidade de alterar o mundo. É símbolo da revolução científica e também do ideário iluminista.

Referências

ANDERSON, B. Affective atmospheres. **Emotion, Space and Society**, v. 2, n. 2, p.77-81, 2009.

ANDREOTTI, G. Geografia emocional e cultural em comparação com a racionalista. In: HEIDRICH, A. L.; COSTA, B. P. da; PIRES, C. L. Z. (Org.). **Maneiras de ler Geografia e Cultura**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2013. p. 98-105.

BESSE, J. M. L'espace du paysage: considérations théoriques. In: LUNA, T; VALVERDE, I. **Teoría y paisaje**: reflexiones desde miradas interdisciplinarias. Observatorio del paisaje de Cataluña y Universidad Pompeu-Fabra. Barcelona, 2011. p. 9-24.

BESSE, J. M. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a Geografia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BESSE, J. M. Geografia e Existência. In: DARDEL, E. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015. p. 111-139.

- BONDI, L.; DAVIDSON, J.; SMITH, M. Introduction: Geography's Emotional Turn. In: DAVIDSON, J.; BONDI, L.; SMITH, S. (Org.). **Emotional Geographies**. Farnham: Ashgate, 2007. p. 1-16.
- CHACON, C. A. Pensamiento ambiental geopoético: una estética del habitar la casa, la choza y la guarida. **Geograficidade**, v. 5, p. 66-75, 2015.
- CLAVAL, P. A paisagem dos geógrafos. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagens, textos e identidades**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004. p. 13-74.
- CLAVAL, P. **Epistemologia da Geografia**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.
- DARDEL, E. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- MAFFESOLI, M. **A sombra de Dionísio**: contribuição a uma sociologia da orgia. São Paulo: Zouk, 2005.
- MAFFESOLI, M. **Saturação**. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2010.
- MAFFESOLI, M. **Homo eroticus**: comunhões emocionais. Rio de Janeiro: Forense, 2014.
- MAFFESOLI, M. Ecosofia: sabedoria da Casa Comum. **Revista Famecos**, v. 24, n. 1, ID24007, 2017.
- MAFFESOLI, M. **Pactos emocionais**: reflexões em torno da moral, da ética e da deontologia. Curitiba: PUCPRESS, 2018.
- MAFFESOLI, M. **O theatrum mundi** pós-moderno: o jogo da vida, a vida como jogo. Curitiba: PUCPRESS, 2021.
- MARANDOLA JR., E. Saberes dos corpos alimentados: ensaio de geografia hedonista. **Geograficidade**, v. 4, p. 16-24, 2014.
- NASCIMENTO, F. C. A bifurcação da natureza e o espaço como evento: os contatos de Eric Dardel com Alfred Whitehead. **Geosul**, v. 37, n. 84, p. 17- 40, 2022.
- NOGUÉ, J. Paisaje y comunicación: el resurgir de las geografías emocionales. In: LUNA, T. y VALBERDE, I. (Dir.). **Teoría y paisaje**: reflexiones desde miradas interdisciplinarias, Barcelona, Observatorio del Paisaje de Cataluña, 2011. p. 27-41.
- NOGUERA, A. P.; ARIAS, D. A. B. Geografías del habitar: un habitar geopoético en la era planetária. **Geograficidade**, v. 4, n. 2, p. 19-31, 2014.

PAIVA, D.; SILVA, M. A. S. Luso-brazilian emotional geographies. **Emotion Space And Society**, v. 52, p. 1, 2024.

PILE, S. Emotions and affect in recent human geography. Transactions of the British Geographers. **Royal Geographical Society**, n. 35, p. 5-20, 2010.

RELPH, E. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. de (Org.). **Qual o Espaço do Lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 17-32.

SILVA, M. A. S. Por uma Geografia das Emoções. **Geographia**, v. 18, p. 99-119, 2016.

SILVA, M. A. S. Sobre emoções e lugares: contribuições da Geografia das Emoções para um debate interdisciplinar. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 17, n. 50, p. 69-84, 2018.

SILVA, M. A. S.; GIL FILHO, S. F. Sobre o conceito de espaço vivenciado: refletindo as espacialidades a partir das experiências emocionais. **Geograficidade**, v. 10, p. 153-168, 2020.

SORRE, M. A geografia humana (Introdução). **GEOgraphia**, v. 5, n. 10, p. 137-143, 2009.

SOUZA, M. L. de. **Ambientes e territórios**: uma introdução a Ecologia Política. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

STENGERS, I. **No tempo das catástrofes**: resistir à barbárie que se aproxima. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

TUAN, Y. **Paisagens do medo**. São Paulo. Editora UNESP, 2005.

TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 2012.

TUAN, Y. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Londrina: EdUel, 2013.

TUAN, Y. **Geografia romântica**: em busca del paisaje sublime. Madrid: Biblioteca Nueva, 2015.

VOLVEY, A. Sur le terrain de l'émotion: déconstruire la question émotionnelle en géographie pour reconstruire son horizon épistémologique. **Carnets de géographes**, v. 9, p. 1-20, 2016.

Recebido em 11/08/2025

Aceito em 15/09/2025